

A HERANÇA DE NOBEL



PÚBLICO



A HERANÇA DE NOBEL



PÚBLICO



Obra concebida, organizada e dirigida por QuidNovi



QUIDNOVI

Textos

Ana Ferreira
Ana Piedade
António Ferreira
Fernando DaSilva
Manuel Veríssimo
Maria José Brites
Marta Freitas
Ricardo Afonso

Grafismo

Francisco Melo

Revisão

Luís Lopes

Revisão científica e técnica

Dr.^a Conceição Carvalhosa
Dr. José Manuel Nogueira
Dr. Mário Nogueira Freitas

Fotografia

Fundação Nobel, Agência France Press, Agência Lusa,
Arquivo QuidNovi e NARA

Infografia

KRT-Knight Ridder Tribune e QuidNovi (André Cardoso)

Selos

Afinsa

Paginação, digitalização e tratamento de imagens

André Cardoso e Daniel Figueiras

© 2001 QN - Novas Tecnologias de Informação, Lda
Praceta D. Nuno Álvares Pereira, 20 DQ
4450-218 Matosinhos
quidnovi@quidnovi.pt

Direitos cedidos para esta edição a Público, Comunicação Social, S.A.

Fotolitos

Unipessoal
Av. Comendador Ferreira de Matos, 339, Loja 7, 4450-124 Matosinhos

Impressão e acabamento

Mirandela, Lda.
Rua Rodrigues Faria, 103, 1300-501 Lisboa

Obra editada em fascículos semanais publicados
com o jornal Público, entre Fevereiro e Junho de 2001

”A Herança de Nobel”

Ao chegarem às mãos do leitor estas primeiras páginas de "A Herança de Nobel", começa a surgir o trabalho resultante de um projecto maduramente pensado, concebido com rigor e desenvolvido com o método e o empenho a que o tema obriga. O que o leitor não saberia, se aqui não fosse revelado, é que esta obra apresenta um paralelismo (não planeado, mas feliz) com o que se passou com a morte e o início da execução do testamento de Alfred Nobel.

Na realidade, "A Herança de Nobel" foi inicialmente pensada para ser editada em 1996, quando se completavam 100 anos sobre a morte do filantropo-inventor que deu nome ao mais célebre dos prémios internacionais. Condicionalismos vários fizeram com que não fosse possível editar então esta obra, criada e escrita totalmente em Portugal, a pensar na sua publicação em qualquer parte do Mundo, mas principalmente dirigida aos leitores portugueses.

Ontem, como hoje, mantém-se o objectivo supremo que lhe presidia – divulgar o espírito Nobel e a grandeza do seu legado –, mas esta transferência da data de edição, do centenário da morte para os 100 anos do Prémio Nobel, teve em si a feliz coincidência de este ser agora um assunto ao qual os portugueses dedicam maior atenção, já não se resumindo a sua memória ao distante laureado prof. Egas Moniz.

Beneficia esta obra das sinergias do Prémio da Literatura atribuído ao escritor português José Saramago – e também do Nobel timorense de D. Ximenes Belo e José Ramos-Horta –, mas ainda da própria evolução da tecnologia, que nos permite apresentar "A Herança de Nobel" em dois suportes, diferentes e complementares.

Em paralelo com a forma de colecionável, destinado a resultar em livro, "A Herança de Nobel" é também constituída por uma colecção de seis CD-ROM – um por cada disciplina Nobel –, que, para além da informação disponível no suporte tradicional, permite incluir um muito maior volume de informação e usufruir das capacidades multimédia dos meios electrónicos.

Lendo estas linhas, está o leitor a folhear a versão tradicional. Aqui encontrará, ao longo de 288 páginas, informações sobre todos os laureados, a biografia e imagem de muitos deles, a apresentação infográfica de alguns dos mais importantes avanços da Ciência galardoados com um Nobel (seja a descoberta em si seja o caminho desbravado a partir daí) e uma série de textos complementares, versando assuntos colaterais ou dando conta de outros prémios de grande prestígio que, década após década, ao longo dos últimos 100 anos, foram sendo criados para galardoar áreas não incluídas na vontade testamentada por Alfred Nobel.

1949

Egas Moniz

1949 ► Fisiologia ou Medicina

Casa Museu Egas Moniz

”**A** ânsia de concorrer para aumentar o património científico desde início me seduziu”. Estas palavras, escritas pelo primeiro português a quem foi atribuído um Prémio Nobel, são elucidativas: Egas Moniz queria dar contributos originais à Medicina. A genialidade permitiu-lhe concretizar esse objectivo.

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz nasceu em Avanca, a 29 de Novembro de 1874. Ali perto, em Pardilhó, aprendeu a ler e a escrever, recebendo a educação liceal no Colégio de S. Fiel (Ordem dos Jesuítas) e no Liceu de Viseu.

A matrícula na Faculdade de Medicina de Coimbra foi efectuada em 1894. Cerca de cinco anos mais tarde, concluiu o curso e, em 1901, fez o doutoramento. Entre 1902 e 1911, pertenceu ao quadro docente da universidade coimbricense, na qual ensinou, como professor substituto, as disciplinas de Anatomia, de Histologia e, finalmente, de Patologia Geral.

Em 1911, foi transferido para a Faculdade de Medicina de Lisboa. Como professor catedrático, ficou a reger a cadeira de Neurologia, criada havia pouco tempo. Chegou a director em 1929.

Ainda antes, atingiu grande notoriedade em outras áreas, como a da política. Foi deputado (entre 1903 e 1917), chegou mesmo a ministro dos Negócios Estrangeiros (1917) e, como embaixador, representou Portugal em Madrid.

Também como escritor foi pluridisciplinar. Assinou uma vasta bibliografia, que não foca apenas a Medicina, abarcando diversos temas, como o ensino, a política, a história ou o lazer.

Em 1944, quando atingiu o limite de idade como professor catedrático, foi jubulado, mas apenas abandonou o ensino cinco anos



Vulto português

mais tarde.

Coincidentemente, a despedida do ensino aconteceu no ano em que obteve, ao mais elevado nível, o reconhecimento da comunidade científica internacional, ao partilhar com o suíço Walter Hesse o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina.

Na verdade, o Instituto Carolíngia premiou, em 1949, a descoberta da leucotomia – sublinhe-se que a equipa médica chefiada pelo português executara pela primeira vez uma intervenção cirúrgica cerebral deste tipo em 1935.

Egas Moniz constatou que, ao sectionar algumas conexões na substância branca dos lobos frontais dos hemisférios do cérebro, poderia tratar certas doenças mentais.

Mas a lobotomia pré-frontal, que introduziu o método cirúrgico como terapêutica para psicoses, não foi o único grande contributo para a Medicina do neurocirurgião português. É que a angiografia cerebral humana, datada de 1927, também se deve à genialidade de Egas Moniz.

A descrição e a sistematização das artérias e das

veias encefálicas e dos padrões de vários tumores representaram um contributo científico mais relevante do que o dado pela leucotomia.

Mas, talvez por não ter percebido o alcance da revolucionária angiografia cerebral, que está na base do diagnóstico de afecções do sistema nervoso e do tratamento de doenças vasculares cerebrais, o Instituto Carolíngia não premiou mais cedo o português.

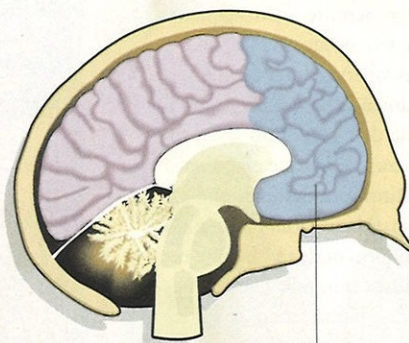
Essa injustiça fora reparada pelos noruegueses, mais concretamente pela Faculdade de Medicina de Oslo, que em 1945 atribuiu a Egas Moniz o seu prestigiado prémio.

O génio português morreu em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1955. O corpo foi sepultado em Avanca. O seu património científico foi herdado pela Humanidade.

Leucotomia e Angiografia

LEUCOTOMIA

A leucotomia foi concebida e executada pela primeira vez em 27 de Dezembro de 1935, pela equipa de médicos chefiada por Egas Moniz. O primeiro método cirúrgico para o tratamento de certas doenças mentais consistia numa incisão na substância branca dos lobos frontais dos hemisférios do cérebro.



Lobo Frontal

BASES

Egas Moniz partiu do pressuposto de que, em certas doenças mentais, devido à inalterabilidade de alguns sintomas, deveria existir uma maior fixidez das conexões entre os grupos de células nervosas das diferentes regiões do cérebro. Assim, se fossem seccionadas algumas fibras nervosas, o funcionamento do conjunto das várias regiões do sistema nervoso seria alterado e os sintomas psicóticos poderiam desaparecer. A região frontal foi a escolhida por ser associada à vida psíquica.

TÉCNICA

Depois de realizada a incisão dos planos superficiais, eram abertos dois orifícios no frontal, a três centímetros da linha média, um de cada lado. Nesses, orifícios introduzia-se um instrumento (leucótomo), que executava os cortes na substância cerebral.

APLICAÇÕES

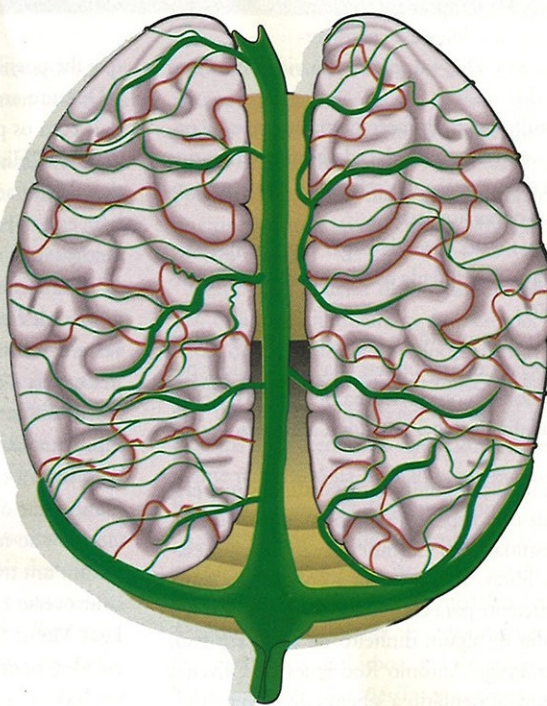
A leucotomia foi aplicada em diversas clínicas neurocirúrgicas e psiquiátricas como terapêutica para certas doenças mentais. Dessa operação, que esteve na base do desenvolvimento de outras psicocirurgias, resultou, entre outros contributos, um melhor conhecimento anátomo-fisiológico do cérebro.

ANGIOGRAFIA CEREBRAL

A angiografia cerebral é uma radiografia dos vasos sanguíneos (artérias e veias) encefálicos. A primeira radiografia que pôs a descoberto a circulação cerebral foi obtida em 1927 por uma equipa de médicos chefiada por Egas Moniz.

BASES

As artérias e as veias encefálicas não são opacas aos raios X. Egas Moniz procurou um líquido de contraste: o primeiro usado para esse efeito foi o soluto de iodeto de sódio, substituído, mais tarde, pelo torotrast, melhor tolerado pelo organismo.



TÉCNICA

Depois de injectados, através da artéria carótida, 12 centímetros cúbicos do produto de contraste, é feita uma primeira radiografia, que proporciona as imagens das artérias (encefalografia arterial).

Quatro segundos mais tarde, numa altura em que já circulam 16 centímetros cúbicos do líquido (a injeção do produto é interrompida apenas depois de impressas as películas), é realizada uma segunda radiografia, que permite obter as imagens das veias.

A sobreposição das duas películas radiográficas faculto o estudo completo da circulação cerebral.

APLICAÇÕES

A angiografia cerebral constitui um importante meio de diagnóstico e de localização de tumores cerebrais.

1949

Atentado

Como tantos outros gênios, Egas Moniz foi criticado (a intervenção na anatomia do sistema nervoso foi fortemente contestada por muitos psiquiatras) e até baleado!

O neurocirurgião português foi alvo, na verdade, de um atentado, perpetrado por um doente seu, ficando crivado de balas – paradoxalmente, ele era visto como um médico humanista, empenhado em libertar os seus pacientes de obsessões, de fobias, de depressões, de estados de ansiedade...

E nem o facto de ter estado na iminência de morrer o impediu de fazer o seguinte comentário: "Foi a loucura e a força que armaram e comandaram as suas mãos agressivas. E não houve criminosos. O delírio não tem personalidade, actua fora do mundo real".

Homem político

A liberdade de expressão e de pensamento eram valores defendidos por Egas Moniz. Não se contentava com meias soluções. A procura da liberdade foi precisamente o motivo que o levou a envolver-se na política, na fase final da Monarquia e também durante a I República.

Com o intento de conciliar monárquicos e republicanos fundou o Partido Centrista em 1917. Do seu programa constava uma política de protecção dos trabalhadores e a vontade de conciliar o capital e o trabalho. Com o assassinato de Sidónio Pais, em 1918, Egas Moniz deu por terminada a sua actividade política. Mas, por diversas vezes, ao longo da sua vida, o cientista teve de se confrontar com a censura e com a falta de liberdade de expressão.

Um homem pode permanecer vivo para todo o sempre. Isso acontece quando o seu nome é associado a grandes descobertas, importantes para a Humanidade. Esta era uma forte convicção de Egas Moniz. Não será exagero considerar que ele mesmo veio a constituir um destes exemplos.

De personalidade forte, era dotado de um equilíbrio onde também se reflectia a atitude tranquila e serena perante a vida. Tinha, mesmo assim, uma energia que o impulsionava para a frente e que lhe conferia um espírito destemido, combativo e perseverante. Estas são apenas algumas das características que permitiram que saltasse do anonimato de Avanca para a notoriedade que teve a nível mundial. Uma mudança que nunca o fez esquecer as origens, mantendo-se uma pessoa simples, simpática e solidária para com os seus próximos.

Do alto da sua fama, manteve os hábitos que se associam ao comum dos mortais. Ia pelo seu pé ao alfaiaite, não se descuidava da jardinagem e reservava algum tempo para contemplar a beleza das flores e a sua diversidade de cores. Deu importância à vida no campo e à beleza da Lua.

De um vulto tão multifacetado muito mais há para dizer. Gostava de touradas, de hóquei em patins e também de prazeres mais refinados, como as porcelanas e as obras literárias.

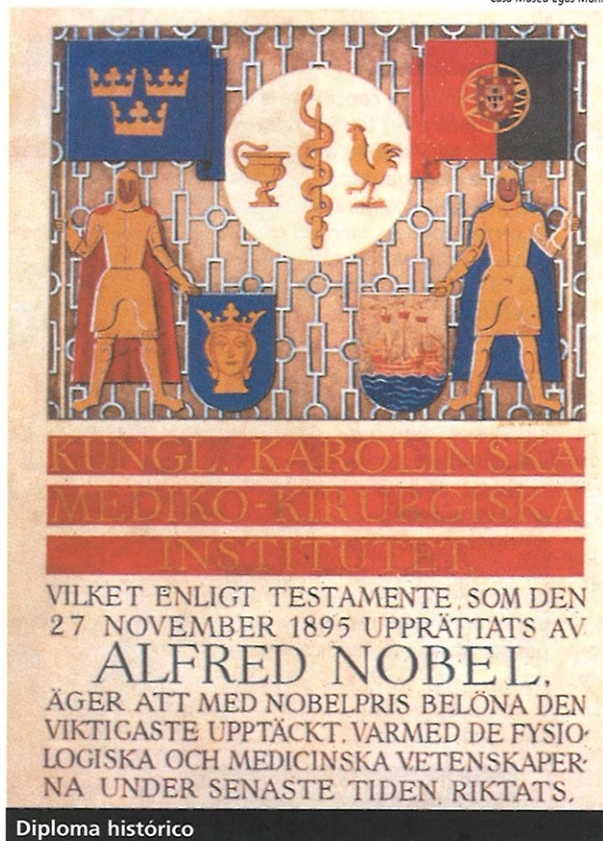
Por diversas vezes, teve de pagar o preço necessário pela sua personalidade corajosa, irreverente e independente.

O olhar fixo, profundo e penetrante, tantas vezes retratado pelas câmaras ou nas telas preenchidas pela mão de nomes como Medina ou Malhoa, deixava, igualmente, perceber a lucidez, a intuição e o rigor.

Desde a infância, como bom português que era, Egas Moniz não dispensava um bom jogo de cartas. Quando estudava em Coimbra, recebia uma mesa de três libras. Mesmo para a época, essa soma não era suficiente para comprar livros e também para despende de algum dinheiro no jogo. Por isso, com o seu amigo António Rodrigues de Oliveira, publicou um comentário à sebeta de Matemática, daí obtendo algum dinheiro ao qual somava o que recebia das explicações de Matemática. Assim, passou a usufruir de uma renda muito interessante,

Imortal

Casa Museu Egas Moniz



Diploma histórico

que lhe possibilitava os pequenos prazeres.

Durante anos, não dispensou as reuniões semanais com os parceiros do jogo. Já com 68 anos, escreveu a "História das Cartas de Jogar", que serviu de prefácio ao "Tratado do Jogo do Boston". Também este trabalho revelou a sua inclinação para a investigação.

Ainda em criança tinha medos nocturnos e não gostava de ficar sozinho, mas, durante o dia, era travesso e, muitas vezes, dado ao desleixo. Com os irmãos fazia o que muitas crianças que não vivem na cidade ainda hoje fazem: caçava pequenos pássaros e procurava os seus ninhos. Na altura, não sabia, com toda a certeza, que também ele iria voar alto. Conquistar o direito à fama, aos prémios internacionais e ao reconhecimento como cientista.

Com um trabalho que, contudo, se viria a revelar controverso e muitas vezes injustiçado, a figura de Egas Moniz (hoje presente na toponímia de várias cidades) permaneceu para além da morte, retratada em bustos, selos de correio e notas de banco, mas é no seu lar de Avanca (freguesia do concelho de Estarreja) que se encontra, desde 1968, a sua principal evocação: a Casa-Museu Egas Moniz.

Honra

Decorria o ano de 1948 quando o médico português Egas Moniz foi homenageado durante o I Congresso Internacional de Psicocirurgia, numa altura em que já tinha conquistado fama entre os seus pares estrangeiros.

Embora a ideia da homenagem tenha partido de um neuropsiquiatra norte-americano, de nome Walter Freeman, este importante evento científico teve lugar em Lisboa precisamente em honra das descobertas de Egas Moniz.

A evolução que imprimiu a nível neurológico e psiquiátrico captou a atenção mundial. Entre os dias 3 e 7 de Agosto desse ano, a capital portuguesa acolheu diversos investigadores norte-americanos, brasileiros, franceses, ingleses, entre muitos outros. A delegação portuguesa fez-se representar por colaboradores de Egas Moniz. No total, estiveram presentes figuras de 27 países.

Não se pouparam a elogios ao cientista, considerando-o, por exemplo, "uma das mais nobres inteligências da modernidade na Medicina".

Na abertura do congresso, na Sala dos Actos Grandes da Faculdade de Medicina de Lisboa, marcaram presença figuras importantes da cena política nacional na época. Ao chefe de Estado, marechal Carmona, coube a tarefa de presidir a cerimónia. Também se deslocaram ao local os subsecretários de Estado da Educação Nacional e da Saúde e Assistência Social, bem como o reitor da Universidade de Lisboa.

Porém, este congresso viria a representar muito mais para este génio português. Depois deste evento se ter revelado um êxito fora do comum, a delegação brasileira quis ir mais longe. E foi. Sem mais, apresentou uma moção com a proposta de candidatura de Egas Moniz ao Nobel da Fisiologia ou Medicina. A iniciativa foi acolhida favoravelmente pelas outras delegações, que a aprovaram com aclamação.



Cerimónia em casa

Casa Museu Egas Moniz

Posteriormente, coube à Faculdade de Medicina e à Academia das Ciências de Lisboa a exposição formal da proposta ao Instituto Carolíngia.

A 27 de Outubro de 1949 foi enviado ao médico português um telegrama a dar-lhe conhecimento de que tinha sido honrado com o Nobel da Medicina de 1949.

Como não poderia deixar de ser, nesse mesmo dia, os amigos juntaram-se ao laureado. A casa lisboeta de Egas Moniz foi o local eleito. Foi precisamente por entre os seus pertences pessoais que se deu início à comemoração. Os livros, as flores, os quadros e as cerâmicas enquadram-se perfeitamente na cerimónia. Afinal, também estes objectos faziam parte da vida de Egas Moniz.

Chegou o dia 10 de Dezembro, mas o cientista português, por motivos de saúde, não se pôde deslocar à Suécia para receber a medalha e o diploma. A cerimónia de entrega, excepcionalmente, decorreu na sua casa de Lisboa, a 3 de Janeiro de 1950. Nessa data, os galardões foram entregues pelo ministro da Suécia, Gustaf Weidel, perante o testemunho de Gustavo Cordeiro Ramos, o presidente do Instituto para a Alta Cultura.

Cultura

Culto e comunicativo, tinha o dom de cativar as audiências. Egas Moniz foi ainda um homem com horizontes largos. Senhor de uma extensa bibliografia, que não se resumiu à Ciência.

Foi sempre objectivo, analítico, perspicaz, bem como rigoroso, ou não estivesse Egas Moniz habituado a tal no exercício da sua profissão.

Sem ter sido poeta, por diversas vezes, foi nos versos e na prosa poética que encontrou a tranquilidade e o repouso.

Obras como "Confidências de Um Investigador Científico" são importantes. Esta reflecte a trajectória científica de Egas Moniz e também assume a crítica em relação à investigação científica em Portugal.

A "Nossa Casa" é uma obra autobiográfica, na qual são expostos os medos e a devoção à família.

Fascinado desde sempre por Júlio Dinis, assinou o título "Júlio Dinis e a Sua Obra".

Ninho de cucos

Na película "Voando sobre um ninho de cucos", realizada em 1975 por Milos Forman e galardoada com cinco Oscars, o personagem central, Patrick McMurphy, acaba por ser submetido a uma leucotomia. McMurphy, um condenado à prisão perpétua, simula padecer de doença mental para trocar o presídio pelo hospital psiquiátrico, onde se envolve numa série de problemas. No final, a solução encontrada para a sua pressuposta situação clínica passa pelo recurso à psicocirurgia, na origem concebida por Egas Moniz. Mas a operação não é um sucesso e transforma-o num autêntico vegetal. O filme relançou a polémica sobre a psicocirurgia.